

HORTA ESCOLAR COMO UM ESPAÇO PARA ALÉM DO CULTIVO DE HORTALIÇAS

Aline de Moura Mattos (1); Julia Robert de Sousa Teixeira (2), Heloisa Mariana Soares (3), Pablo Henrique Eugênio Bezerra (4); Lony Lacerda Cavalcanti (5)

- (1) Professora adjunta, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, line_mattos@yahoo.com.br
(2) Licencianda em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, juliarobert.teixeira@gmail.com
(3) Licencianda em Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, helloisa1996@hotmail.com
(4) Licenciando em Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, bezerrapablo@hotmail.com
(5) Professor da rede pública do município de Natal, lonynat@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo compartilhar, por meio de um relato, ações desenvolvidas para o planejamento e implantação de uma horta em uma escola pública no município de Natal-RN. Tais ações fazem parte de um projeto de extensão que objetiva a melhoria do ensino e da saúde por meio do contato com a terra e do cultivo de hortaliças, em uma atmosfera de trabalho colaborativo, percebendo a horta como um instrumento de aprendizagem de conhecimentos científicos e populares e uma importante estratégia para a educação ambiental. Ao tratarmos a horta escolar como um espaço para além do cultivo de hortaliças, o que enfatizamos são as relações afetivas, o despertar de valores como respeito, cuidado e colaboração e a construção de uma identidade de pertencimento ao espaço escolar. A realização deste projeto tem nos possibilitado vivências, experiências, percalços e satisfações da lida com a terra, do envolvimento com pessoas e da transformação – urgente, mas sem pressa – dos modos de ensinar, de se alimentar, de se relacionar com o meio.

Palavras-chave: Horta escolar, educação ambiental, oficinas socioeducativas.

ENTRE IDEIAS, INSPIRAÇÕES E TRANSFORMAÇÃO: O INÍCIO

Este trabalho é fruto de um projeto de extensão desenvolvido por um grupo de professores e estudantes, que tem trabalhado coletivamente no planejamento e na implantação de uma horta em uma escola pública no município de Natal-RN.

O planejamento, implantação e manutenção de hortas escolares tem sido estudado e defendido na literatura, por se tratar de uma estratégia que colabora para o desenvolvimento integral dos seres humanos, considerando, assim, não apenas dimensões cognitivas-desenvolvimento de conhecimentos acerca do meio ambiente pela vivência prática dos conteúdos teóricos - como também dimensões subjetivas e intersubjetivas, que se expressam no estreitamento de vínculos com a natureza, as pessoas e os alimentos (COELHO; BÓGUS, 2016). Silva e Fonseca (2011) colocam que a horta, “ao se constituir em prática pedagógica que envolve, além do aspecto cognitivo, a subjetividade, a emoção, a articulação entre os diversos saberes disciplinares e o contexto no qual se insere, enriquece o leque de opções do estudante e dá mais autenticidade a sua autonomia.” (2011, p. 50).

Um estudo realizado por Magalhães (2003), em uma creche no município de Florianópolis-SC, constatou que o uso da horta escolar pode adequar a dieta das crianças a

uma alimentação mais saudável, pois como os alimentos são fruto do trabalho dos próprios alunos, estes sentem maior desejo em provar do que ajudaram a produzir. Morgado (2006) ressalta a importância de promover iniciativas que vão além do ambiente escolar e que atinjam a comunidade, pois as “hortas escolares podem e devem servir como unidades de experimentação participativa para o desenvolvimento de hortas urbanas familiares e comunitárias, a fim de promover o desenvolvimento local e proporcionando maior qualidade de vida a essas populações” (2006, p. 22). Parece consenso entre os educadores, agrônomos e profissionais da saúde que a implantação de uma horta escolar, e mesmo as dificuldades nessa implantação, auxilia o desenvolvimento integral dos seres humanos, promove trocas de saberes diversos por meio de uma aprendizagem horizontal, resgata saberes tradicionais e desperta sensibilidades múltiplas acerca do cuidado e respeito para consigo mesmo e para com as diversas formas de vida. Dessa forma, as hortas escolares constituem um valioso instrumento para trabalharmos com educação ambiental e educação em saúde.

A principal justificativa para o desenvolvimento deste projeto perpassa aspectos envolvendo educação, economia, saúde e bem-estar social. Em uma sociedade cada vez mais imediatista e com tendência ao distanciamento da natureza, o desenvolvimento de conhecimentos acerca do cultivo dos alimentos nos faz questionar hábitos alimentares, despertando mudanças no comportamento alimentar. Este aspecto também nos inquieta acerca da mercantilização de uma necessidade básica como a alimentação. O planejamento e a implantação de uma horta no ambiente educacional, como a escola, pode integrar diversas áreas de conhecimentos colaborando assim com interdisciplinaridade. É notório que uma horta não visa apenas a produção de alimentos e pode ser trabalhada como uma estratégia pedagógica, envolvendo aqui tanto estudantes e professores da rede básica, como estudantes das licenciaturas. O empenho no cultivo e a observação do desenvolvimento de hortaliças – envolvendo vários percalços como o eventual surgimento de pragas, solos enfraquecidos, falta de espaço – permite-nos, como seres humanos, estudarmos o ciclo da vida mobilizando conhecimentos e estratégias para o enfrentamento de dificuldades, buscando o fortalecimento e o despertar de sensibilidades diversas, tais como respeito e cuidado, tão desejadas ao coletivo social.

O projeto tem sido desenvolvido na Escola Municipal Professor Veríssimo de Melo e tem como principais objetivos:

- Construir conhecimentos e desenvolver habilidades acerca do planejamento e da implantação de uma horta no ambiente escolar, visando o cultivo orgânico de hortaliças e manejo de resíduos orgânicos pelo processo de compostagem;

- Criar uma atmosfera de trabalho colaborativo, bem como uma identidade de pertencimento ao espaço escolar por parte de toda a comunidade (estudantes, pais, professores, faxineiras, diretores, merendeiras, etc).

- Perceber a horta como um instrumento de aprendizagem de conhecimentos científicos e populares, como também uma importante estratégia para a educação ambiental, a educação em saúde e para o desenvolvimento de valores, tais como respeito e cuidado, e

- Colaborar para uma alimentação saudável ao incrementar a merenda com os vegetais produzidos na horta, resgatando a cultura alimentar da região.

O objetivo deste trabalho, por sua vez, é compartilhar, por meio de um relato, algumas ações que temos desenvolvido junto à comunidade escolar, experiências, percalços e satisfações da lida com a terra, do envolvimento com pessoas e da transformação – urgente, mas sem pressa - dos modos de ensinar, de se alimentar, de se relacionar com o meio.

LIMPANDO AS MÃOS COM TERRA

Desde o início do projeto, a metodologia foi assumidamente flexível, fluída e aberta às proposições tanto do grupo de trabalho na universidade como da comunidade escolar. A construção coletiva sempre foi um dos pilares deste do projeto, sendo incoerente uma metodologia pré-estabelecida, desconsiderando, de certa forma, as demandas e contingências tão próprias da vida na escola.

Para darmos início às ações, escolhemos a Escola Municipal Professor Veríssimo de Melo, localizada no bairro Felipe Camarão, Zona Oeste do município de Natal-RN, região deveras estigmatizada por questões de violência e intensa desigualdade social. A escola atende estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, tanto no ensino regular como na Educação de Jovens e Adultos. Durante o acompanhamento dos estágios supervisionados na licenciatura em Ciências Biológicas, encontramos, na referida escola, uma gestão acolhedora à proposta, um professor de Ciências muito envolvido com a temática e um espaço privilegiado para plantio. Tais aspectos foram determinantes em nossas escolhas. O projeto, com início previsto para março, começou efetivamente em maio de 2018, atraso devido aos descasos com a educação que culminaram na greve dos professores da rede pública de Natal-RN.

No período de greve, e logo após o retorno das atividades, realizamos intensas visitas à escola para reconhecimento da população e do espaço destinado à horta e elaboramos um plano de trabalho que consistia basicamente em: 1) estruturação da horta: desenho e arranjo

dos canteiros, preparo do solo, escolha das plantas a serem cultivadas, sementeira, irrigação, construção de composteira; 2) atividades pedagógicas: oficinas socioeducativas destinadas aos discentes, pais e funcionários da escola.

Para os objetivos deste trabalho, relataremos as ações pedagógicas que realizamos na escola por meio de duas oficinas: oficina de compostagem e oficina de grafite.

OFICINAS SOCIOEDUCATIVAS: ALGUMAS COLHEITAS

A gente colhe
O que planta
O que fala
O que lê
O que ouve
O que canta

(Geraldo Azevedo e Carlos Fernando)

Oficina de compostagem: “se é para melhorar a escola, a gente faz”

Uma das primeiras necessidades que percebemos ao começar os trabalhos de estruturação da horta foi a destinação consciente dos resíduos. Observávamos que os resíduos da cozinha se encontravam misturados com plásticos diversos, alumínio, vidros e papéis, sendo destinados, posteriormente, ao aterro sanitário. Somado a este incômodo, precisávamos comprar adubos para o solo e, em uma época com recursos financeiros escassos, isso era um fator limitante. Necessitávamos, igualmente, de folhas secas para cobertura dos resíduos orgânicos e do solo e observamos que grande parte deste rico material, produzido na própria escola, tinha o mesmo destino que os demais resíduos: o aterro sanitário.

Diante da urgência de uma intervenção neste cenário, elaboramos uma oficina sobre compostagem, destinada especialmente às merendeiras e aos auxiliares de serviços gerais, após a construção de uma composteira de pequeno porte no chão (figura 2).

A compostagem é uma técnica simples e intuitiva que a humanidade pratica há milênios para a decomposição de resíduos orgânicos. Com o advento da sociedade de consumo e revolução industrial, houve a produção e intensificação do uso de materiais inorgânicos, como plástico, papéis, vidros e metais. Por mais que tais materiais facilitem nossas vidas, seu emprego e consumo é dado de forma muito acelerada, causando graves consequências ao meio ambiente, como poluição de solos, águas e ar. Esta contextualização é necessária para pensarmos em dois motivos para reinserimos a compostagem em nosso dia a dia e a utilizarmos no espaço escolar:

o primeiro é resgatar uma alternativa de destinação dos resíduos orgânicos ambientalmente adequada, de baixo custo e facilmente assimilada pela população; o segundo é a obtenção de um composto orgânico de alta qualidade, que serve como fertilizante orgânico para diferentes objetivos, como adubar hortas e jardins urbanos, o que contribui para a ampliação de áreas verdes, para o aumento da biodiversidade e da segurança alimentar e do surgimento de cidades mais saudáveis e resilientes. (BRASIL, 2017, p.13).

Com o término da greve dos professores, em maio de 2018, espalhamos cartazes pela escola e pelo bairro, estendendo o convite à comunidade. Nesta oficina, em que estavam presentes gestores da escola, merendeiras e auxiliares de serviços gerais (figura 1), tratamos da destinação de resíduos, elucidando a problemática do lixo em nossa população e, particularmente, no município de Natal-RN. Diferenciamos os diversos resíduos e após os esclarecimentos de dúvidas, destinamos um recipiente fechado aos resíduos orgânicos e afixamos na parede da cozinha um cartaz com orientações sobre os resíduos a serem destinados à composteira.



Figura 1. Oficina sobre compostagem.

Os resultados desta oficina logo foram observados. Houve muita aceitação e acolhimento por parte das merendeiras e dos funcionários da escola. Nas conversas durante a oficina, percebemos que muitas não conheciam este processo de transformação de resíduos e se interessaram pela proposta: “Se é para melhorar a escola, a gente faz”, foi o que disse uma das merendeiras. Atualmente, parte dos resíduos orgânicos da cozinha é destinada à composteira da escola (figura 2).



Figura 2. Etapas da compostagem: estrutura inicial; destinação dos resíduos orgânicos; maturação do composto.

Oficina de grafite com técnica de estêncil: “a gente não quer ir embora”

Há muitas definições para arte, assim como para educação. Ambas se expressam a partir de concepções muito particulares e não é nosso objetivo discutir tais definições isoladamente. Mais pertinente para a discussão, consideramos a noção conjunta de arte-educação, que “pretende utilizar a arte no processo de formação humana para dar sentido ao sentir e a percepção de mundo do ser, utilizando-se das emoções e referências simbólicas (cultura, memória, criatividade) do indivíduo.” (RODRIGUES et al, 2017, p. 117).

Acreditando, outrossim, que a arte integra e, de acordo com o célebre verso do poeta Ferreira Gullar, “A arte existe porque a vida não basta”, propusemos aos estudantes do 8º ano, como parte integrante da disciplina de Artes, uma oficina de grafite, a fim de que, de alguma forma, “chamásemos a vida” para nosso incipiente “Espaço de Cultivo”. Também se constituía num desejo nosso, talvez o principal deles, o despertar de sentimentos como o pertencimento: “a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence.” (BARBOSA, 1998, p. 16)

Com a temática de preservação ambiental, plantio e ciclagem, convidamos um artista da cidade, Pedro Ivo, que gentilmente ministrou a oficina sobre o grafite e o estêncil e nos

ajudou a construir uma identidade artística para nosso espaço de cultivo. Identidade esta que, temos vivenciado, vai além do cultivo de hortaliças, produzindo também afetos, pertencimento, colaboração e integração.

A oficina se deu em três momentos: uma exposição dialogada sobre o grafite e a técnica de estêncil, a confecção de moldes (figura 3) e a aplicação destes no muro da horta (figura 4). A participação e o interesse por parte dos estudantes foram notórios: “Foi muito bom, aprendemos teoria e prática”, disse um deles. Ao término, o artista disse aos estudantes que podiam ir para casa, já que, devido a greve, as aulas acabariam mais cedo. Alguns deles comentaram que não queriam ir embora, pois estavam gostando da atividade e desejavam ficar mais um pouco no espaço.



Figura 3. Confecção dos moldes



Figura 4. Aplicação com tinta spray



Figura 5. Finalização da oficina sobre de grafite com técnica de estêncil

Esta ação também nos ajudou a dar visibilidade, bastante colorida e criativa, ao projeto na escola. O que antes era um muro branco e desgastado pelas marcas do tempo, ganhou uma nova aparência. Depois da pintura feita a muitas mãos, em junho de 2018, conseguimos estruturar os canteiros e iniciarmos, efetivamente, o plantio das hortaliças. (Figura 6)



Figura 6. Pintura finalizada. Início da estruturação dos canteiros.

MAIS DE INÍCIOS QUE DE FINAIS: À PROCURA DE CICLOS

Se não houver frutos, valeu a beleza das flores
Se não houver flores, valeu a sombra das folhas
Se não houver folhas, valeu a intenção da semente.
(Henfil)

Ao tratarmos a horta escolar como um espaço para além do cultivo de hortaliças, o que tentamos enfatizar foram as relações que ali se constroem. Relações de confiança, interdependência e colaboração, com desenvolvimento da percepção de que nada fazemos isoladamente: as plantas não crescem por si sós, o solo não enriquece por si só, seres humanos não se desenvolvem por si sós. Tudo se integra. Tudo se relaciona. Também enfatizamos o despertar de sentimentos como o pertencimento, o cuidado e colaboração, para além dos conhecimentos científicos para o manejo da horta e cultivo de hortaliças. O contato com a natureza, o ver crescer e desenvolver, o cuidar e o preservar para a tão almejada colheita são apenas etapas de um processo cheio de busca, boniteza e alegria, sentidos sem os quais o ensinar e aprender não podem se dar. (FREIRE, 2017).

Buscando atender às demandas escolares, em um plano de trabalho aberto e flexível, pretendemos ainda desenvolver uma oficina sobre PANC – Plantas Alimentícias Não Convencionais - destinada especialmente aos pais dos estudantes, com apresentação de alguns

exemplares que temos na horta e degustação de alimentos preparados com estas. Ações voltadas aos estudantes também tem sido desenvolvidas nas aulas de Ciências, elaboradas por estagiários(as) dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas e Física da UFRN, abordando temas como lixo, semeadura e plantio, além da implantação e manutenção do cultivo de hortaliças, trabalho diário e cuidadoso.

Muito ainda há de ser feito. Por mais trabalhoso que seja a lida com a terra e o desenvolvimento de ações em meio a tantas contingências da vida na escola pública - em apenas seis meses vivenciamos duas greves e falta de recursos diversos – temos percebido que trabalhoso nem sempre é sinônimo de difícil ou complicado: quanta simplicidade há no ver crescer e se desenvolver, independente dos percalços, do solo enfraquecido, das pedras e entulhos, dos descasos de políticos e das greves. Quanta esperança há no regar para ver brotar, quanta força há na luta dos trabalhadores-professores-artistas-cidadãos-estudantes por uma escola mais preparada para acolher e por uma sociedade mais justa.

Esperamos com este trabalho tão somente contribuir para discussões acerca do desenvolvimento de ações no ambiente escolar. Ações que nos inspirem a pensar novos modos de ensinar, de aprender, de crescer, de entender os ciclos. O sentimento ao finalizar este relato é de um início. Que com a horta possamos compreender mais sobre inícios e finais. Ciclos de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à toda comunidade da Escola Municipal Professor Veríssimo de Melo, funcionários, gestores, professores e discentes.

Agradecemos ao artista natalense, Pedro Ivo, pela fundamental e criativa colaboração na oficina sobre grafite com técnica de estêncil.

E, por fim, agradecemos ao Fundo de Apoio à Extensão – FAEx/PROEx da UFRN, pelo apoio financeiro por meio das bolsas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A. M. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Compostagem doméstica, comunitária e institucional de resíduos orgânicos**: manual de orientação. Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo, Serviço Social do Comércio. Brasília, DF: MMA, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Apresentação dos Temas Transversais e Ética/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COELHO, D. E. P.; BÓGUS, C. M. Vivências de plantar e comer: a horta escolar como prática educativa, sob a perspectiva dos educadores. **Saúde Soc.** São Paulo, v.25, n.3, p.761-771, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 55^a ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

MAGALHÃES, A. M. **A horta como estratégia de educação alimentar em creche**. Florianópolis, 2003. 120 f. Dissertação (Mestrado Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina.

MORGADO, F. S. **A horta escolar na educação ambiental e alimentar**: experiência do Projeto Horta Viva nas escolas municipais de Florianópolis. Florianópolis, 2006. Relatório de conclusão (Graduação em Agronomia) – Universidade Federal de Santa Catarina.

RODRIGUES, R. N. L.; SOUZA, L. J.; TREVISIO, V. C. Arte-educação: a relevância da arte no processo de ensino e aprendizagem. **Cadernos de Educação**: Ensino e Sociedade, Bebedouro SP, v. 4, n.1, p. 114-126, 2017.

SILVA, E.C.R. **Agricultura urbana como instrumento para a educação ambiental e para a educação em saúde**: decodificando o protagonismo da escola. 2010. 239f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Saúde), Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, E. C. R.; FONSECA, A. B. Hortas em escolas urbanas, Complexidade e transdisciplinaridade: contribuições para a Educação Ambiental e para a Educação em Saúde. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 11, n. 3, p. 35-53, 2011.